

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO MASCARRO

UM MODELO PARA O POVOAMENTO ANTIGO NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE

SÍLVIA RICARDO silviamonteiroricardo@gmail.com

RESUMO O sítio arqueológico do Monte do Mascarro, território do Norte Alentejo, compreende um conjunto de estruturas de carácter funcional, que as escavações arqueológicas efetuadas na década de 80 revelaram como parte de um lagar ou até de uma oficina metalúrgica. Estas demonstram uma continuidade ocupacional do sítio de cronologia romana e tardia, ou seja, de meados do século III d.C. até ao século V d.C.

Apesar das limitações ao nível da área conhecida, o objetivo foi aprofundar o conhecimento deste sítio e tentar contextualizar estes vestígios num povoamento rural no atual concelho de Castelo de Vide e no antigo território da *civitas* de *Ammaia*.

PALAVRAS CHAVE Povoamento rural romano, Mascarro, estruturas agrárias

ABSTRACT The archaeological site of Monte Mascara, territory of Northern Alentejo, comprises a set of functional structures, which were identified as part of a mill or even a metallurgical workshop in archaeological excavations during the 80's.

These demonstrate an occupational continuity from Roman to the Late Roman period, mid-3rd century A.D. to 5th century A.D. Despite the limitations in terms of known area, the aim was to deepen the knowledge of this place and try to contextualize these traces in a rural settlement in the current Castelo de Vide municipality and in the former territory of the *civitas Ammaia*.

KEYWORDS Roman Rural Settlement, Mascarro, agrarian structures

Castelo de Vide é um concelho do distrito de Portalegre e integrado na Serra de São Mamede, com cerca de 255,5 km² (figura 1). É geograficamente pequeno, mas concentra uma elevada e diversificada dinâmica paisagística aliada às condições estratégicas, naturais e mineralógicas que provavelmente levaram à procura e ocupação deste território desde os tempos mais remotos, como comprovam diversos vestígios arqueológicos. Em termos de ocupação do período romano, o espaço rural é reestruturado a partir da fundação da *urbe ex-novo Ammaia*. Particularmente através de alterações graduais nas estruturas socioeconómicas que operaram na região. Ainda que, como aponta André Carneiro (2014, p. 25), «(...) o dado mais surpreendente reside no facto de não existirem referências nos textos clássicos ao território do Alto Alentejo.».

Ao nível da estruturação do povoamento verifica-se sobretudo a difusão da propriedade privada e a introdução de um novo sistema de exploração agrícola baseado em pequenos casais e *villae*. Em termos de sistema político-administrativo e jurídico romano o território, que atualmente corresponde ao concelho de Castelo de Vide, estaria agregado na vasta província da *Lusitania*, cuja capital era *Emerita Augusta*, e consequentemente no território do *Conventus Emeritensis*. Pertencia ao território administrado por *Ammaia*, elevada a *civitas* entre 44 e 45 d.C. e posteriormente a

municipium por volta de 166 d.C., tendo sido concedida a cidadania romana aos seus habitantes indígenas, inscrevendo-os na tribo *Quirina*. No entanto, é importante realçar que o povoamento rural romano foi sendo concretizado de diferentes formas, fases e estruturas como têm mostrado os estudos dos últimos anos – dados a conhecer pela epigrafia e pelas fontes. Afinal, era um universo muito mais diversificado e heterogéneo daquele que tinha sido esboçado e apoiada em diferentes formas de colonização do território de menor dimensão do ponto de vista administrativo.

SÍTIO DO MASCARRO

Situa-se na freguesia de São João Baptista, concelho de Castelo de Vide.

Este sítio está patente na carta militar de Portugal n.º 335, escala 1/25000, e, corresponde às coordenadas geográficas WGS84 N 39°24'36,0" W -07°30'49,9". O Código Nacional de Sítio (CNS) atribuído pela Direção-Geral do Património Cultural corresponde ao 531.

Encontra-se a cerca de 5 km para sudoeste da vila de Castelo de Vide e eleva-se a uma cota que oscila entre os 370 e os 380 m. O monte do Mascarro é atravessado pela linha férrea do Ramal de Cáceres (km 219 e 220) e dista da Ribeira de Nisa cerca de 750 m em linha reta, o que cria outras dinâmicas paisagísticas através de fér-



1. Localização do concelho de Castelo de Vide no mapa de Portugal continental.

teis várzeas e solos propícios à agricultura. Os vestígios ocupam uma área onde predominam maioritariamente carvalhos e afloram formações graníticas. Foi identificado nos anos 70, devido ao achado de um triente visigótico, posteriormente publicado em 1971 por D. Fernando de Almeida na revista *O Arqueólogo Português*.

As escavações no sítio do Mascarro tiveram três campanhas: 1983, 1984 e 1985.

Nestes anos foram abertos vários sectores A, B, C, D e E onde surgiram estruturas e alinhamentos de muros (figura 2). O setor F, uma construção aparentemente contemporânea, foi intervencionado com a finalidade de se perceber se aquela estrutura tinha sido implantada sobre construções romanas ou se tinha havido reaproveitamentos de estruturas na sua edificação. No ano de 1983, a escavação foi dirigida por Diamantino Sanches Trindade e as campanhas de 1984 e 1985 foram coordenadas por Jorge de Oliveira, tendo em 1984 sido elaborado um levantamento topográfico ao sítio.

SETOR A

Em termos estruturais, este é o setor que aparenta ser mais consistente, apresentando ainda vestígios de argamassa nos muros, o que não se verifica nos restantes setores do Mascarro. Compreende parte de uma estrutura de transformação de azeite – *torcularium* –, e a sua utilização estaria relacionada com a exploração e transformação dos produtos do *fundus* para consumo local ou para exportação.

Mais especificamente, compreende parte de uma estrutura destinada à decantação de azeite, onde são visíveis três recipientes que estariam adossados (Ricardo, 2015, p. 34). Os *torcularia* são construções compostas por várias instalações e elementos, além do

contrapeso, diretamente relacionados com a transformação de produtos tais como mecanismos de decantação no caso do azeite e de fermentação no caso do vinho (Peña Cervantes, 2010). O estudo destas estruturas levanta algumas problemáticas como a falta de uniformização terminológica dos compostos e o uso dos mesmos mecanismos de extração tanto para a obtenção do azeite como do vinho.

No Monte do Mascarro foram identificados recentemente dois fragmentos de contrapeso de lagar. Estes correspondem ao tipo 12 da classificação de J. P. Brun (Peña Cervantes, 2012, p. 46), utilizados nas prensas de parafuso. Estes elementos permitem já perceber o tipo de produção, mas não a capacidade. Segundo a autora Yolanda Peña Cervantes (2010), regra geral estas estruturas estão orientadas a Sul, o que se verifica no setor A do Mascarro.

SETOR B/D₁

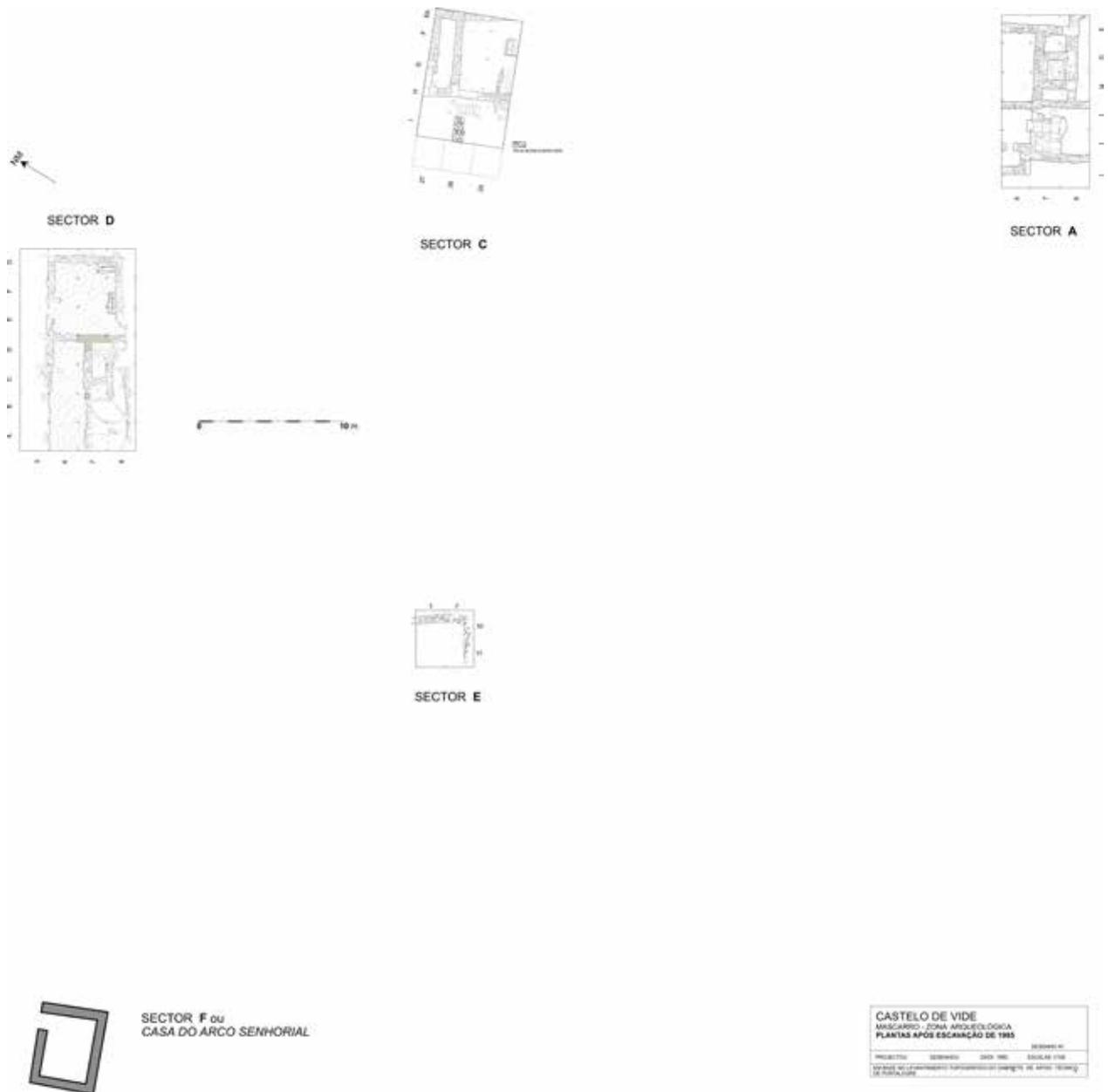
Estruturalmente, as paredes neste sector são de duplo paramento, estão pelos alicerces e não revelavam vestígios de argamassa, pelo facto de ser uma construção tardia. Parecem ser compartimentos habitacionais ou de apoio às atividades rurais, que muitas das vezes tinham pisos em *opus signinum*. Foi recolhida uma base de coluna em mármore assente diretamente sobre o piso, e relativamente perto foi levantada pelo trator uma coluna em mármore. A base de coluna aparentemente estava embutida num dos muros, o que pode indicar uma reutilização. Aqui apareceu a maior quantidade de cerâmica de cobertura, associada a alguns objetos de metal – pregos.

O aspeto mais determinante deste setor são as estruturas adossadas aos muros, com cerca de 1 m de comprimento cada uma, interpretadas como sendo sepulturas. Uma destas estruturas tem orientação Norte-Sul e a outra orientação Este-Oeste. Não apresentam qualquer espólio, vestígios de ossos ou respeitarem a orientação canónica. Segundo o relatório de escavação de 1974 «É de notar que o fundo das sepulturas é constituído pelo mesmo piso.». Não apresentam qualquer aspeto em comum com as sepulturas de laje encontradas e registadas em outros locais e são compostas por elementos que parecem ter sido reutilizados deste compartimento. «Foram construídas com uma finalidade que se desconhece, provavelmente de armazenamento doméstico, e não funerária» (Ricardo, 2015, p. 41).

SETOR C

Este setor é dividido em dois compartimentos. Num destacam-se duas estruturas tidas como lareiras; uma primeira que aproveita a parede e é formada por aquilo que parecem ser lajes que delimitam a câmara e, uma outra a uns metros mais perceptível. Pelas plantas do

1. Com a mudança de direção da escavação no ano de 1984, setor B passa a definir o espaço entre o setor A e o setor C, uma área de cerca de 10 m. Este setor passa a designar-se Setor D.



2. Planta final das Escavações do Mascarro, 2015.

setor parece ainda ter *in situ* a base constituída por ladrilhos e os limites formados por pedras.

Pelas características das estruturas, pela qualidade e quantidade de espólio recolhido e pelas escórias de metal, aparenta ser uma oficina de metalurgia. No entanto é importante realçar que este setor não está totalmente escavado, estando em aberto a possível existência deste tipo de estruturas.

Em muitas *villae* – principalmente da zona da Bética –, funcionaram *figlinae* ou ateliers de produções cerâmicas, associados à produção agrícola, mas também forjas de metalurgia para o aproveitamento de recursos mineiros específicos. O mesmo pode ter sucedido no Mascarro.

SETOR E

Este setor foi marcado 26 metros a poente do setor B e marcou-se um quadrado de 4 x 4 m e foi escavado em “xadrez”. Seguidamente é referido que foi recolhida cerâmica, apesar de nunca se terem alcançado os níveis de circulação. Este setor é composto por dois muros a formar um ângulo de 90° e não fornece muitos dados de análise. No entanto, é importante ressaltar que as estruturas se prolongam para Poente, no sentido do caminho-de-ferro e da zona de derrubes e silhares amontoados, uma vez que se situa entre esta zona e as estruturas intervenionadas.

SETOR F

Este setor foi intervencionado nas campanhas de 1984 e 1985. Esta estrutura positiva, de pedra seca e já sem cobertura, parece assentar sobre outras construções mais antigas e localiza-se relativamente perto da linha de comboio. Aparenta não passar de uma estrutura de apoio às obras, ou seja, uma estrutura contemporânea. Os trabalhos aqui levados a cabo compreendem «(...) a abertura dum novo setor de 4 X 4m junto à casa da mouta de carvalhos, local onde são detetáveis blocos graníticos amontoados e alguns deles afeiçoados.» (Oliveira, 1985) Mas este "setor" nunca teve implementada uma rede de quadrículas.

Tem uma forma retangular, com dimensões entre 5,80 x 4,70 m. A largura das paredes varia entre os 0,55 x 0,60 m.

MATERIAIS

Os materiais que atualmente se encontram depositados na Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide provêm das três campanhas de escavação arqueológicas decorridas entre 1983 e 1985.

Em primeiro lugar, será importante referir que a coleção do Mascarro é relativamente diminuta e da qual não constam peças completas. Como não se acondicionaram ou registaram os bojos de recipientes cerâmicos, não foi possível fazer as reconstituições de peças.

Contempla bordos e fundos cerâmicos, alguns metais, fragmentos de vidro, cerâmica de construção, alguns elementos arquitetónicos e parte de uma ara votiva.

Em termos de análise geral dos poucos materiais, estes apresentam características que os encaixam cronologicamente entre os séculos III d.C. e V d.C., apesar de ter sido recolhido neste local um capitel datável do

século I d.C. e um triente visigótico em ouro, datável do século VIII d.C., alargando as balizas cronológicas. Uma outra questão que dificulta a interpretação e relação dos materiais com o sítio é o facto da sua recolha e registo não ser feita por unidades estratigráficas. Ou seja, é possível localizar a proveniência da peça no setor através do quadrado, na maioria dos casos, mas impossível perceber o contexto estratigráfico.

PROSPEÇÃO

Uma vez que conhecer o território objeto de estudo é essencial, os trabalhos de prospeção de superfície foram repetidos no final do ano de 2014 e inícios de 2015. Atualizaram-se os levantamentos existentes de 1991 e também se registaram alguns vestígios inéditos. Acima de tudo, foi possível identificar aspetos interessantes no território, assente na ruralidade. Verificou-se que existe uma ocupação contemporânea de carácter agrícola no Mascarro, relativamente perto das zonas com vestígios arqueológicos, aproveitando matérias-primas e derrubes. Com estes trabalhos foi também possível perceber que na parte poente (agora isolada pela construção da linha do caminho de ferro), surgem alguns vestígios materiais coerentes com os das zonas já conhecidas e intervencionadas. Pode indiciar que o sítio ocupava uma área maior mas que foi destruído pela construção do caminho-de-ferro.

De forma a perceber melhor o sítio e a relação entre os setores abertos e a envolvente efetuou-se outro tipo de prospeção. Em 2015, em parceria com a equipa do Departamento de Física da Universidade de Évora, experimentou-se a aplicação de métodos não invasivos de prospeção de superfície aplicada à arqueologia – Magnetometria e a Indução Eletromagnética –, de forma a tentar perceber a relação entre as estruturas já conheci-



3. Resultados preliminares da Geofísica, cedido pelo Departamento de Física da Universidade de Évora, 2015.

das, a sua orientação e se, eventualmente existiriam outras em volta. Os resultados preliminares resultaram na deteção de estruturas entre o setor A e o setor C, e em torno destes (figura 3). Possivelmente alinhamentos de muros ou canalizações. Num ponto ligeiramente mais afastado dos setores para este surge uma mancha mais concentrada, que pode provavelmente ser interpretado como sendo uma necrópole. No entanto, são leituras preliminares e a leitura ainda pode mudar. Na conclusão dos trabalhos foi efetuado um levantamento topográfico total com GPS diferencial.

OUTROS SÍTIOS

Nas imediações do Mascarro são já conhecidos alguns locais de cronologia romana, como Santo Amarinho, Tapada de Ribeiro de Carvalho – Machoquinho, Cangão, Vale da Bexiga, Tapada da Pedreira. Estes apresentam boas condições de implantação, estão próximos de linhas de água e de acessos e são compostos por estruturas e manchas de dispersão, onde alguma cerâmica foi recolhida. São visíveis alinhamentos de muros, pesos de lagar e de tear, bem como blocos graníticos.

Para estes sítios, voltam a subsistir as questões em termos de terminologia e, sem dados retirados de intervenções arqueológicas, muitos vão certamente continuar sem resposta.

Numa visão mais geral, no concelho já foram identificados e publicados, alguns pontos de cronologia romana como a *villa* romana dos Mosteiros, o paredão da barragem da Tapada Grande – Meada, os vestígios concentrados do Vale do Cano ou até o sítio da Colegiada, onde foi recolhida uma ara dedicada a uma divindade indígena. Na vasta zona da Meada também se identificaram vestígios diversos em termos estruturais e elementos móveis.

Apesar de espacialmente ficarem distantes do Mascarro, não deixam de ser relevantes para esta investigação e para o estudo da rede de povoamento antiga.

CONCLUSÕES

Este território foi ocupado ao longo do tempo de várias maneiras, com unidades de povoamento bem diferenciadas. O que resulta numa realidade que ainda é difícil de conjecturar e de compreender num todo.

Apenas recentemente a investigação se preocupou em retificar as diferenças existentes dentro desta multiplicidade de povoamento que marcaram não só a fase do Império mas também a Antiguidade Tardia.

O povoamento rural romano no concelho de Castelo de Vide aparenta direccionar-se a partir da implementação de uma estrutura articulada em torno de propriedades que provêm da exploração dos recursos que o território tinha para oferecer em meio rural. Neste sentido, as *villae* serão um elemento estruturante mas que enquanto paradigma vivencial expira nos finais do século V d.C. ou durante a sexta centúria, mantendo-se alguns focos de permanência em situações esporádicas, mas que nada têm a ver com a ocupação e conceito inicial de exploração do *fundus*.

Concretamente, quanto ao sítio do Mascarro, a leitura de todos os dados é complexa uma vez que não está totalmente escavado e a intervenção é antiga, independentemente dos novos dados recolhidos.

A envolvente, a capacidade dos solos e os materiais parecem encaixar na categoria de casal ou granja, também conhecidos como “*villae* de segunda ordem” (Carneiro, 2014, p. 133) onde os solos se caracterizam por ser esqueléticos. A análise de determinados elementos arquitetónicos e do *torcularium* levam a acreditar que seria mais um sítio de grandes dimensões e relacionado com a produção.

Assim subsiste a dúvida em como classificar os vestígios conhecidos.

Apenas retomando os trabalhos de escavação se conseguem apurar mais dados sobre o sítio e com prospeções intensivas se conhece melhor o território do concelho e conseqüentemente as antigas ligações.

Este seria um local passível e interessante de se conhecer melhor devido ao facto de ser dos poucos locais no Norte Alentejo onde se registam antigas estruturas de transformação de produtos. Seria desejável e justificável dar continuidade ao estudo do local, com escavações arqueológicas ou através de outros processos e métodos de análise.

É pertinente dar continuidade ao estudo destas realidades, que sendo de menor dimensão, contribuem para o entendimento das realidades maiores.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (1976) – Sobre a economia rural do Alentejo na época romana. *Conimbriga*, 15, p. 1-40.

ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*: Inventário, Fascículo 3: Évora, Faro & Lagos. Vol. II. Warminster: Aris&Phillips.

ALARCÃO, J. (1995) – *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa América.

ALARCÃO, J. (1998) – A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*, 37, p. 89-119.

ALMEIDA, F. (1971) – Notas sobre moedas visigóticas. *O Arqueólogo Português*, 3.^a série, n.º 5, p. 215-226.

ALMEIDA, M. (2000) – *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Tese de Mestrado).

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la Cerámica Romana*, Zaragoza: Libros Pórtico.

CARNEIRO, A. (2008) – Para a Cartografia dos Cultos Religiosos no Alto Alentejo. *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, 3, p. 80-97.

CARNEIRO, A. (2010) – Em pars incerta. Estruturas e dependências agrícolas nas *villae* da Lusitânia. *Conimbriga*, 49, p. 225-250.

CARNEIRO, A. (2013) – Poder e Território: O Alto Alentejo entre o Império e a Antiguidade Tardia. In CERQUEIRA, F.; GONÇALVES, A., orgs., *Saberes e poderes no Mundo Antigo: estudos ibero-latino-americanos*. Vol. I, p. 546-567.

CARNEIRO, A. (2014) – *Lugares, tempos e pessoas: Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

CARVALHO, J. (1997) – Ocupação Humana no Concelho de Castelo de Vide. *Ibn Maruan. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 8. Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão, p. 183-191.

CHAVARRÍA ARNAU, A. (2007) – *El final de las villae en Hispania (siglos IV-VII D.C.)*. Turnhout: Brepols (Bibliothèque de l'Antiquité Tardive, 7).

ENCARNAÇÃO, J. (1984) – *Inscrições romanas do conventus pacensis subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

ENCARNAÇÃO, J. (1995) – Ara votiva da Colegiada (Castelo de Vide) (Conventus Emeritensis). *Conimbriga, Fichero Epigráfico*, 49, p. 3-7.

OLIVEIRA, J. (1984) – *Relatório da escavação arqueológica da Herdade do Mascarro*. Castelo de Vide: Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

OLIVEIRA, J. (1985) – *Caderno de campo Escavação Mascarro*. Castelo de Vide: Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

OLIVEIRA, J. (1985) – *Relatório de trabalhos arqueológicos na Herdade do Mascarro*. Castelo de Vide: Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

PEÑA CERVANTES, Y. (2010) – *Torcularia La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados en cedé*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

PEÑA CERVANTES, Y. (2011-2012) – Variantes tecnológicas hispanas en los procesos de elaboración de vino y aceite en época romana. *Anales de prehistória y arqueologia*, 27-28, p. 37-57.

PITA, A. (1983) – *Relatório da Escavação Mascarro 1983*. Castelo de Vide: Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

PRATA, S. (2012) – *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).

RICARDO, S. (2015) – *Sítio Arqueológico do Mascarro. Um modelo para o povoamento antigo no concelho de Castelo de Vide*. Évora: Escola das Ciências Sociais da Universidade de Évora (Tese de Mestrado).

RODRIGUES, M. (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Gráfica de Coimbra, p. 131-172.

WÖLFRAM, M. (2012) – *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia: arqueologia-arquitetura-epigrafia*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).